

Quereríamos, antes de terminar esta recensão aos três livros, apontar o que nos parece uma falta de coordenação que, sem ser demasiado importante, deveria ter sido evitada. Referimo-nos à forma de citação dos textos latinos. É desconcertante comprovar que, das várias maneiras válidas para o fazer, cada autor escolhe uma diferente: no primeiro volume, com o nome do autor em tradução portuguesa, no segundo, com o nome latino em genitivo (o que, sem dúvida, é a escolha mais acertada), no terceiro com o nome latino em nominativo (de que não gostamos particularmente). É um aspecto que deve ter passado despercebido aos autores, já que, no geral, apresentam os mesmos critérios de objectivos, selecção, apresentação e propostas de análise dos textos.

CARLOS DE MIGUEL MORA

Jorge Deserto, *Figuras sem nome em Eurípides*. Lisboa, Cosmos, 1998.

Num teatro como o de Eurípides, onde a 'tradição' se representa por via da 'inovação', as grandes figuras lendárias dos mitos gregos encontram em personagens secundárias, de inferior condição social, verdadeiros interlocutores dramáticos que aprofundam e diversificam as possíveis semantizações da configuração trágica. A presença constante, dessas 'figuras sem nome' tornou-se, nas peças euripidianas, um dos traços mais ilustrativos e emblemáticos da arte dramática do poeta, que nunca descurou a dimensão social e a natureza espectacular da tragédia.

Como o número de personagens secundárias anónimas se multiplica nas peças conservadas de Eurípides, e muito diversas podem ser as suas funções, o A. decidiu, por questões metodológicas, circunscrever o «universo deste trabalho» (p.18) às *dramatis personae* que, repetidamente, recebem o nome de *agricultor (autorgos) arauto*

(*kerux*), *velho* (*presbutes*), *ama* (*trophos*) e *serva* (*therapaina*). Um estudo criterioso e bem fundamentado das variadas funções que essas figuras menores podem representar na tragédia euripidiana – particularmente em peças como *Alceste*, *Hipólito*, *Medeia*, *Heraclidas*, *Suplicantes*, *Electra*, *Íon* e *Ifigénia em Áulis* – nunca dispensa uma circunstanciada e oportuna referência aos passos textuais mais significativos das peças, acessíveis tanto no original como em tradução portuguesa, no intuito de melhor se poder «seguir um percurso idêntico ao do dramaturgo no momento em que as criou» (p.20).

Das cinco partes que compõem este estudo, as primeiras quatro repartem-se, precisamente, pelos diversos valores e funções que essas ‘figuras menores’ podem representar nas peças em que intervêm, de modo a conferirem uma cor mais actual e mais viva, aos tons que eram, tradicionalmente, utilizados no desenho trágico das figuras do mito. Da ‘fidelidade’, por exemplo, as figuras servis fizeram um elemento de união que simultaneamente os aproximava e distanciava, dos seus senhores. Como bem se demonstra na última parte do trabalho, a tipificação desse traço característico do ‘servo’ euripidiano, permitiu, no entanto, uma exploração mais intensa e diversificada das funções dramáticas que esse ‘tipo’ de personagens passou a desempenhar na construção do sentido trágico de cada uma das peças. A menoridade de tais figuras subsidiárias ao drama não impediu, portanto, o poeta de as desenhar como verdadeiras *dramatis personae*, dignas participantes de uma nova configuração trágica dos antigos mitos.

Uma bibliografia actualizada e um abstracto em língua inglesa que percorre as diferentes partes da presente publicação, encerram este volume de uma nova colecção que, citando as palavras prefaciais da Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, se destina «a dar a conhecer estudos, feitos com novidade e rigor, na Área da Antiguidade Clássica».

MARIA FERNANDA BRASETE